

HABITAÇÃO SAUDÁVEL À POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA: DISCUSSÃO EM TORNO DAS ESTRATÉGIAS DE ADEQUAÇÃO À REALIDADE DOS MORADORES BRASILEIROS

Thalia Ferreira da Silva¹

Lúcia Fernanda de Souza Pirró²

RESUMO

Este artigo apresenta estratégias que a população de baixa renda utiliza para se adequar ao meio ambiente. Como metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica para discutir a habitação saudável e o estigma social referente ao posicionamento das atuais construções brasileiras, tendo como base dois estudos de caso realizados em assentamentos humanos irregulares. Utilizou-se a pesquisa para o alcance do aprofundamento teórico-conceitual implícito nas formulações de estratégias pertinentes. Utilizou-se também a pesquisa de dados primários, que foi aplicada aos moradores de alguns assentamentos para o alcance e aprofundamento de suas percepções construtivas sobre o que pode ou não contribuir para um projeto satisfatório. Destaca-se que identificar e reconhecer ambos os métodos adaptativos, tanto do profissional quanto do residente, dão o sentido de promover, sobretudo, a saúde e a qualidade construtiva. Para tornar mais clara a compreensão dos dados analisados, foram identificadas quais eram as condições fundamentais para a construção de ambientes saudáveis. Conclusivamente, destacou-se a relevância do conhecimento científico aliado à autoconstrução, capaz de orientar os moradores sobre os benefícios à saúde sem desconsiderar os limites do custo e localização.

Palavras-Chave: Habitação de Baixa Renda; Habitação Saudável; Projeto de Arquitetura; Qualidade.

ABSTRACT

This article presents strategies that the low-income population uses to adequate to the environment. As a methodology, bibliographical research was chosen to discuss healthy housing and the social stigma regarding the positioning of current Brazilian constructions, based on two case studies carried out in irregular human settlements. This research was used to achieve theoretical and conceptual scope implicit in the formulations of relevant strategies. Primary data research was also used, which was applied to the residents of some settlements to reach and deepen their constructive perceptions of what may or may not contribute to a satisfactory project. It is noteworthy that identifying and recognizing both adaptive methods, both for the professional and the resident, give the sense of promoting, above all, health and constructive quality. To make the analyzed data clearer, the fundamental conditions for building healthy environments were identified. Conclusively, the relevance of scientific knowledge combined with self-construction was highlighted, capable of guiding residents about the health benefits without disregarding the limits of cost and localization.

Keywords: Low-income Housing; Healthy Housing; Architecture Project; Quality.

¹ Especialista em Conforto e Saúde no Ambiente Construído pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2023). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Nove de Julho (2021). E-mail: thalia15091998@gmail.com.

² Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP. Docente de graduação e pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. E-mail: lucia.pirro@belasartes.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo buscou discutir a relevância de projetos arquitetônicos habitacionais unifamiliares populares que prezam pela saúde do morador e utilizam estratégias de acordo com sua realidade econômica e social. No conceito de habitação saudável são considerados agentes da saúde de seus moradores, relacionados a localização e classe social, os materiais construtivos, a segurança, o *layout*, os acabamentos, o entorno, as orientações sobre saúde, assim como o ambiente dos moradores e as condições de vida saudável. Do ponto de vista do ambiente como determinante da saúde, a habitação se constitui um espaço de construção e desenvolvimento da saúde da família (COHEN, 2003).

Atualmente, considera-se comum a adoção da autoconstrução para as famílias no processo de urbanização brasileiro, tanto na cidade quanto no campo. Esse processo construtivo também se dá mediante a solidariedade de classe: os “mutirões” são organizados pelos próprios moradores, sem nenhuma orientação de um profissional da construção civil diplomado. Uma vez que o objetivo da autoconstrução é baratear ao máximo o custo de produção, ela promoveu a construção de uma cidade informal (MARICATO, 2015, p. 27).

A chamada cidade informal abriga grande parte da população que busca as necessidades básicas de moradia. Em geral, considera-se apenas o número de cômodos, iluminação e aberturas básicas, sem nenhum roteiro pré-estabelecido ou teorizado, o que poderá gerar futuras patologias como infiltrações, mofo ou rachaduras, ocasionando, também, de forma silenciosa e gradual, malefícios à saúde dos moradores.

Habitação saudável é um tema cada vez mais frequente e que está ganhando força na arquitetura e no design de interiores, sendo um conceito que junta o “belo” à saúde, segurança e conforto. É correto, portanto, afirmar a ideia de que um bom projeto arquitetônico é um investimento para o morador em relação a isso. Entretanto, um projeto de arquitetura que traga benefícios à saúde, mesmo justificando-se como investimento, pode afastar o desejo de utilizar o serviço profissional ou de continuar um projeto de arquitetura. Consequentemente, grande parte da população nem opta por recorrer aos profissionais da área.

Logo, para o entendimento do ambiente construído, faz-se necessário um exercício de observação que envolve a sensibilidade em perceber e ler o espaço. Para

realizar tal leitura, é necessário analisar a situação dentro do emaranhado visual que se transformou esse ambiente. Tal exercício envolve um processo de descoberta individual, a partir da percepção do espaço em questão, conforme sua cultura, seu modo de enxergar as pessoas e os fatos ocorridos ao seu redor. Segundo a Fundação João Pinheiro (2008, p. 11), numa sociedade profundamente hierarquizada e desigual como a brasileira, não se deve padronizar as necessidades de moradia para todos os estratos de renda. Justifica-se, desse modo, a adoção de paramentos distintos para locais e camadas de renda diferentes.

Discutir a idealização do ambiente residencial salubre e acessível a todos faz parte do papel social do arquiteto e urbanista, que busca a universalização do acesso à moradia digna e inclusiva. Buscar estratégias faz parte dos estudos e aprimoramentos para a evolução da sociedade como um todo, e claramente é um desafio a se enfrentar. Porém, este artigo tem a intenção de demonstrar o quão possível é mitigar danos futuros e viver melhor.

Esta pesquisa pode gerar um incentivo a mais para que os arquitetos sejam mais críticos e mais sensíveis a análises dessa população, levando para o projeto suas dificuldades financeiras e sociais. Além disso, no período de graduação, o arquiteto, em geral, tem pouco contato com as realidades das camadas menos abastadas da população, assim como há um entrave entre o tempo da disciplina e o do cotidiano dessas pessoas. Este artigo pode, portanto, incentivar os estudantes de arquitetura e futuros profissionais, assim como demais profissionais ligados à área, a explorarem mais o tema.

Para a presente pesquisa, foi feito o levantamento de dados secundários em sites confiáveis, como Scielo e Google Acadêmico, artigos científicos e livros. Ainda por intermédio dessas plataformas, foi realizado o estudo de dois estudos de caso de projetos residenciais populares que tiveram intervenção profissional e que reforçam a discussão sobre as estratégias de adequação à moradia saudável.

A coleta de dados primários, por sua vez, foi feita por meio da plataforma Google Forms: foram entrevistados 39 moradores de bairros populares, entre os dias 03 e 06 de junho de 2023, levando em consideração um roteiro pré-estabelecido. A coleta de dados teve como foco o estigma social referente à moradia digna e salubre, contudo, houve liberdade para apontamentos pessoais de acordo com as respostas dos observados. O critério que definiu o perfil da amostragem da pesquisa foi baseado em características demográficas e sociais da população de baixa renda de São Paulo (SP), em características

atitudinais e no comportamento de autoconstrução da moradia. Essa amostra é significativa enquanto perfil, mas não enquanto número (em relação à população toda que mora em São Paulo nessas condições), porém foi importante para o desenvolvimento da pesquisa.

2 HABITAÇÃO SAUDÁVEL

2.1 Conceito

De acordo com o Healthy Building Certificate (HBC), um projeto saudável é composto por: desenho arquitetônico, iluminação, qualidade acústica, qualidade dos materiais, projeto hidráulico, projeto elétrico, qualidade interna do ar, paisagismo e áreas comuns, sustentabilidade e manutenção da edificação. A arquitetura, o design e o espaço construído impactam diretamente a saúde e o bem-estar dos moradores e usuários. A princípio, isso é visto como muitos itens e gera preocupação em relação aos custos do processo, a depender da abordagem que o arquiteto faz na elaboração do diagnóstico de viabilidade técnica e financeira.

O selo casa saudável dado pelo HBC visa minimizar, a longo prazo, futuras patologias para o usuário; entretanto, para uma classe social movida a atender economicamente as necessidades básicas como alimentação, vestuário e transporte, por exemplo, tal abordagem acaba não sendo considerada no dia a dia. Além do mais, a classe acaba sendo tão distanciada socialmente que tal idealização à moradia é vista como inacessível.

O conjunto dos itens do HBC idealiza o conceito de habitabilidade que, segundo Bonduki (2002), diz respeito ao conjunto de aspectos que interferem na qualidade de vida e na comodidade dos moradores, bem como na satisfação de suas necessidades físicas, psicológicas e socioculturais. Por meio desse conceito, é possível visualizar o conforto ambiental (luminoso, térmico, acústico e tátil), a segurança do usuário, a salubridade domiciliar e do seu entorno, que seriam as mesmas questões envolvidas na fruição e na construção do espaço.

A Rede Brasileira da Habitação Saudável (RBHS) trabalha em conjunto com diversas instituições e com o Estado (vinculado principalmente ao Programa de Saúde Familiar), formulando programas e projetos para políticas públicas voltadas à promoção da saúde no ambiente e na habitação. Habitação saudável, segundo a RBHS (2003), pode

ser definida como um espaço de múltiplas proporções que incorpora as dimensões cultural, ecológica e de saúde humana, juntamente com a habitabilidade, uma adoção de

[...] tipologias e correspondências aos requisitos mínimos que garantam morar com desfrute da saúde e do bem-estar e propicie dignidade humana. Padrões que propiciem convívio harmônico através da reflexão e do aprimoramento do lugar/objeto/habitação. (RBHS, 2003, p. 36).

Em suma, a RBHS (2003) reconhece o edifício residencial como um espaço de construção da saúde e de consolidação do desenvolvimento. Ao longo dos anos, os mestres da arquitetura criaram conceitos que apresentam intenções físicas, concretas e subjetivas para a arquitetura. A estética, a harmonia e a proporcionalidade são elementos associados à percepção, à forma como nossos sentidos informam o nosso cérebro e como ele reage às formas e aos volumes.

2.2 A estrutura social como divisor do conceito de habitação saudável

Com a evolução, o homem tende a utilizar materiais disponíveis em seu meio, tornando seu abrigo cada vez mais elaborado. Entretanto, mesmo com o progresso das novas tecnologias construtivas, sua função básica se mantém, ou seja, abrigar o ser humano das intempéries e de intrusos (ABIKO, 1995).

Atualmente, há um grande distanciamento do conceito de habitação entre as linguagens financeira e social: de um lado, a autoconstrução ou aceitação com a adaptação de uma moradia nas atuais condições, independentemente da instrução técnica feita por um profissional; em contrapartida, há o lado que contrata profissionais e procura se atualizar sobre as novas tecnologias e conceitos, inclusive, sobre a habitação saudável.

Jessé Souza (2009) realizou um trabalho de investigação a respeito das estruturas sociais que mantêm e reproduzem a penúria e a exclusão social no Brasil, representada pela “ralé estrutural”, como denomina o autor. Souza (2009) desmistifica a ideia econômica de que o poder aquisitivo é o único fator que determina a posição das pessoas na sociedade, já que, segundo ele, são os mecanismos simbólicos modernos e sociais que as impedem de terem acesso aos meios para serem bem-vistas socialmente.

Tanto que a visão economicista “universaliza” os pressupostos da

classe média para todas as “classes inferiores”, como se as condições de vida dessas classes fossem as mesmas. É esse “esquecimento” do social – ou seja, do processo de socialização familiar – que permite dizer que o que importa é o “mérito” individual. Como todas as precondições sociais, emocionais, morais e econômicas que permitem criar o indivíduo produtivo e competitivo em todas as esferas da vida simplesmente não são percebidas, o “fracasso” dos indivíduos das classes não privilegiadas pode ser percebido como “culpa” individual. (SOUZA, 2009, p. 20).

Considerando esses mecanismos simbólicos na arquitetura, um em destaque é o gosto. Segundo Bourdieu (2007), os gostos funcionam como marcadores privilegiados da classe, pois correspondem à hierarquia social dos seus respectivos adeptos. O autor analisou os gostos de diferentes classes sociais da França da década de 1970: trabalhadores de baixo a médio nível têm suas escolhas feitas inconscientemente em função da necessidade (“gosto de necessidade”), provinda muitas vezes das dificuldades do dia a dia; em contraponto, os mais ricos tendem a preferir o distanciamento em relação a essa necessidade, ou seja, aquilo que não é necessário, porém agrega algum valor simbólico (“gosto de liberdade”).

A questão das preferências socialmente vista, em geral, não é considerada pelo campo da arquitetura, tomando como referência o gosto das classes dominantes. Nos tempos atuais, com tantos mecanismos visuais nas redes sociais, o padrão dessas classes está sempre em destaque. Consequentemente, o arquiteto, em muitos casos, rejeita o gosto da dita “ralé”, tido como brega, feio ou até mesmo inferior ou mal planejado. Tal distanciamento dificulta ainda mais que esse trabalho seja desenvolvido de forma coerente com as demandas desse público.

A fração social que, de acordo com o educador e sociólogo Paulo Freire (1987), pode ser denominada como “oprimida” é composta por homens e mulheres mantidos sob controle dos opressores – aqueles que dominam os mecanismos de poder –, parcela vulnerável também descrita como a “ralé” social por Jessé Souza (2017). Já a relação dessa parcela da população com o serviço fornecido pelo arquiteto levanta outro ponto de atenção: a pressuposição da participação distante do cliente e futuro usuário na concepção do projeto. Afinal, existe o estereótipo de que o arquiteto desenvolve um conceito abstrato e de total autoria de sua visão pessoal, aplica-o em forma de projeto, detendo todas as decisões, apresenta-o ao cliente, que apenas o aprova, e fim do processo.

O conceito, aquela ficção metafórica, narrativa, teórica ou apenas formal que o arquiteto insere no processo de concepção de um espaço, aparece [aos clientes] apenas como elemento estranho, isto é, como inútil complicação que interdita possibilidades e interferência no projeto e ainda pretende impedir transformações das construções ao longo do tempo. (KAPP *et al.*, 2009).

Essa visão deturpada da concepção projetual inibe o possível cliente e o faz acreditar que não terá sequer autonomia sobre sua própria moradia, o que, além de fazê-lo por vezes desacreditar do propósito de um projeto, também o faz acreditar que o acompanhamento profissional é impalpável e dispensável.

O estigma social referente à moradia digna e salubre, em geral, serve ao Estado e à classe social mais abastada, pois acaba promovendo uma cidade não acessível à maioria da população, apenas algumas ações mitigadoras por meio das políticas públicas. Como coloca Engels (1873) em seu texto *Sobre a questão de moradia*,

[...] a questão da habitação [...] não é de forma nenhuma uma questão exclusivamente operária” e não nos deixa dúvida de que “[...] a transferência da propriedade da habitação para o até então inquilino em nada toca o modo de produção capitalista”. (ENGELS, 1873, p. 56).

Portanto, na realidade, a burguesia tem apenas um método para resolver à sua maneira a questão da habitação – isto é, resolvê-la de tal forma que a solução produza a questão sempre de novo [...] (ENGELS, 1873). As tendências criam um marketing de encarecimento desses materiais, consequentemente, apenas 10% da população economicamente ativa nos tempos atuais contratam profissionais de arquitetura (CAU/BR, 2022).

3 ESTUDOS DE CASO

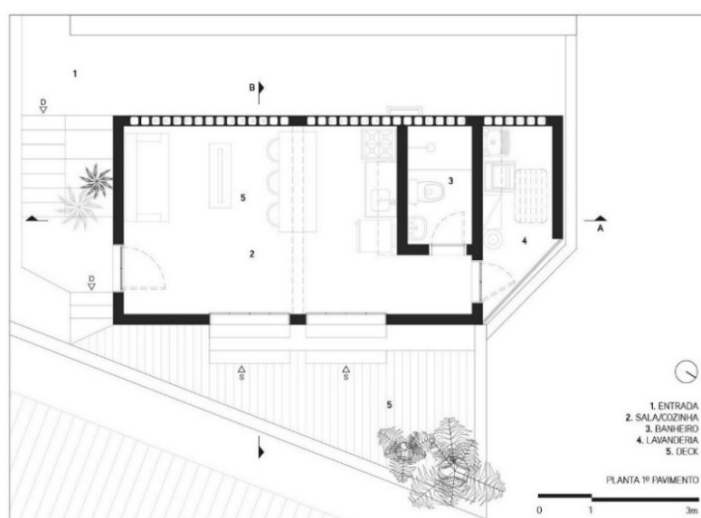
Esta seção apresenta dois projetos realizados por grupos de arquitetos em diferentes comunidades, objetivando um projeto residencial de qualidade e baixo custo. Tais projetos são a Casa no Pomar do Cafezal e a Casa Vila Matilde.

3.1 Casa no Pomar do Cafezal

No início de 2022, por meio das redes sociais, houve um grande destaque para uma forma um pouco diferente e não elitizada de arquitetura: a Casa no Pomar do

Cafezal, em Belo Horizonte (MG). A casa foi a segunda obra realizada pelo coletivo LEVANTE, união de arquitetos, estudantes e engenheiros liderados por Fernando Maculan e Joana Magalhães, ambos arquitetos e urbanistas, que buscava fornecedores e apoiadores para a arquitetura na periferia.

Figura 1 – Planta baixa do térreo



Fonte: Coletivo LEVANTE (2020).

O projeto representa o modelo construtivo convencional e popular das regiões periféricas, não impõe materiais novos e inusitados, respeita a cultura e pertencimento do local. Além de uma implantação adequada, o projeto teve atenção à iluminação e ventilação, resultando em um espaço com grande qualidade ambiental e que atende a quesitos de habitação saudável, algo que não é comum em habitações localizadas em áreas de favelas, por exemplo.

De acordo com o levantamento do Instituto Data Popular (2014), 94% dos moradores das favelas brasileiras são felizes nas suas comunidades. Lá eles encontram diversão, trabalho e fazem negócios. Dados do G1 (2014) mostram que a maioria dos moradores não quer deixar a comunidade, as pessoas se sentem satisfeitas com o local onde vivem, mesmo que isso não respeite os parâmetros urbanísticos nem as normas de projetos arquitetônicos e de desempenho das edificações. De acordo com Furman (1998), embora existam diferentes opiniões sobre características específicas, a comunidade não existe até que os membros experimentem sentimentos de pertencimento, confiança nos

outros e segurança (OSTERMAN, 2000).

Figura 2 – Interior da Casa no Pomar do Cafezal



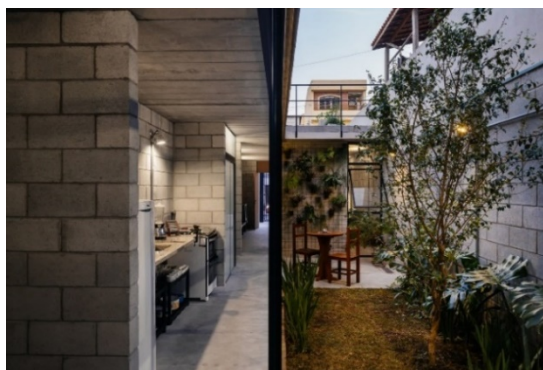
Fonte: Leonardo Finotti (2020).

Segundo Kdu dos Anjos – atual morador que prefere chamar a Casa no Pomar do Cafezal, carinhosamente, de “meu barraco” –, em 2022, o projeto da casa foi um dos mais curtidos na internet e, no mesmo ano, ficou entre os 50 mais interessantes do Brasil. Devido a sua popularidade e projeto, ganhou o Prêmio Casa do Ano 2023 no concurso internacional do ArchDaily. Assim, fica perceptível ao morador a permanência da sensação de pertencimento, já que sua cultura e memória foram preservados no projeto. Com isso, o estigma do bom projeto arquitetônico ser inusitado, composto de mobiliário e materiais de alto padrão e custo, entra em contradição.

3.2 Casa Vila Matilde

O projeto da Casa Vila Matilde foi entregue no ano de 2015. A casa, composta por lajes pré-moldadas de concreto armado, blocos estruturais e de vedação, com um total de 95m² de área construída, fechou um orçamento de 150 mil reais – aproximadamente mil e seiscentos reais por metro quadrado. O projeto foi realizado pelo escritório Terra e Tuma Arquitetos, que demoliu uma residência em ruínas na região da Vila Matilde, em São Paulo (SP).

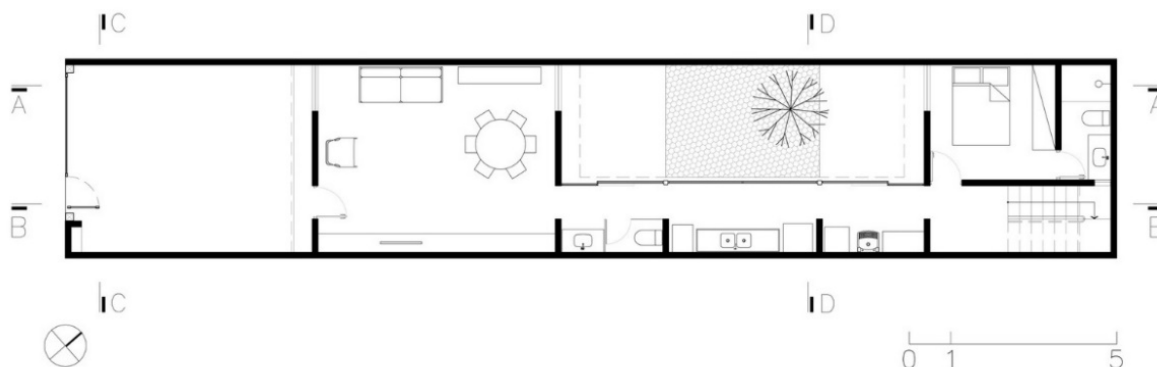
Figura 3 – Interior da Casa Vila Matilde



Fonte: Pedro Kok (2015).

A escolha dos materiais, como os blocos de concreto aparente, foi feita em consideração ao sistema de custo mais baixo e simplificação do projeto executivo, facilitando a comunicação com pedreiros e fornecedores dos materiais. A equipe reduziu o projeto executivo, mas acompanhou todo processo da obra, um total de quatro meses, a fim de evitar equívocos no orçamento e no cronograma.

Figura 4 – Interior da Casa no Pomar do Cafezal



Fonte: Terra e Tuma Arquitetos Associados.

Os ambientes internos da casa são articulados por um jardim central completamente aberto, que permite a entrada de luz natural e ventilação, ação vista como necessária já que as paredes laterais do terreno, em blocos estruturais de concreto, servem como arrimo para construções vizinhas, e como base de apoio para as lajes.

Sem revestimentos internos ou externos, essa casa possui um aspecto rústico do bloco de concreto. A moradora, Dona Dalva, salienta a vontade de colocar um piso

cerâmico claro e brilhante, porém se diz feliz e realizada por ter uma casa bem iluminada e ter espaço suficiente para suas plantas. “Lá no terraço já plantei morangos, e agora está cheio de pássaros”, afirma.

4 COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS

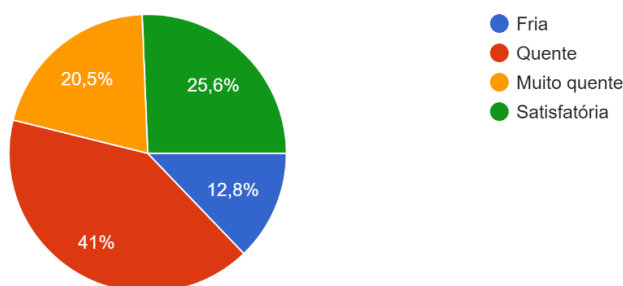
Os dados obtidos foram analisados qualitativamente, de acordo com o que foi revisado na literatura. A análise dos dados por meio das entrevistas teve o intuito de realizar a comparação entre o que foi observado pelos entrevistados na prática e o levantamento teórico. A análise de conteúdo do discurso dos entrevistados obteve categorizações com o intuito de estabelecer parâmetros comparativos qualitativos.

Por meio das respostas dos entrevistados em relação à situação atual de suas residências, é possível compreender as características que configuram a salubridade em um ambiente residencial, como sensação térmica e ventilação natural, principalmente.

Gráfico 1 - Representação percentual da população de estudo: conforto térmico no verão

7. No verão, como avalia sua moradia considerando sensação térmica?

39 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

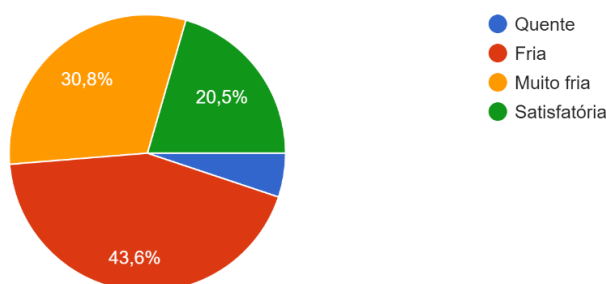
As questões 7 e 8 buscam avaliar a sensação térmica dos ambientes analisados, tanto em épocas quentes quanto frias. Quando questionados sobre a sensação térmica no verão, 41% dos entrevistados afirmaram que a residência fica quente; 25,6% classificaram a sensação térmica como satisfatória; 20,5% como muito quente e 12,8% como fria. Somados os percentuais referentes ao aquecimento de tais edificações nesse período, é possível observar que mais da metade dos entrevistados (totalizando 61,5%) classificaram a sensação térmica como quente ou muito quente, o que evidencia

deficiências quanto à dissipação térmica do local (Gráfico 01).

Gráfico 2 - Representação percentual da população de estudo: conforto térmico no inverno

8. No inverno, como avalia sua moradia considerando sensação térmica?

39 respostas



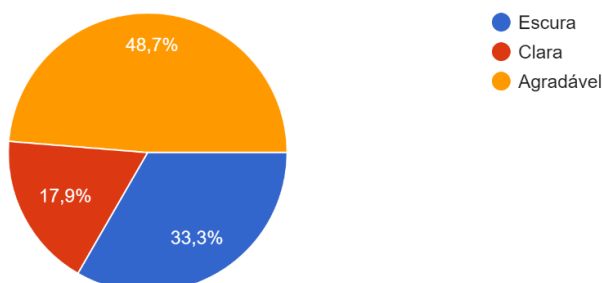
Fonte: Elaborado pela autora.

A mesma análise foi realizada no Gráfico 02, porém em relação à sensação térmica no inverno: 43,6% dos entrevistados afirmaram que a residência fica fria; 30,8% consideraram que ela fica muito fria; 20,5% disseram que a sensação térmica durante o inverno é satisfatória e 5,1% disseram que ela é quente. Assim, tais dados evidenciam que há deficiência quanto a absorção e retenção de temperatura em mais de 74,4% das residências analisadas.

Gráfico 3 - Representação percentual da população de estudo: conforto lumínico

9. Em relação à iluminação, você considera sua residência como:

39 respostas

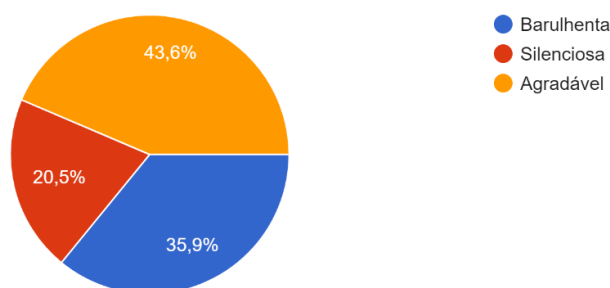


Fonte: Elaborado pela autora.

Já no Gráfico 03 o questionamento foi sobre a iluminação residencial. Em relação a tal aspecto, 48,7% classificaram suas residências como “agradável”; 33,3% como “escura” e 19,9% como “clara”. Tais dados revelam que mais da metade das moradias analisadas possuem iluminação inadequada, seja para mais ou para menos que o necessário.

Gráfico 4 - Representação percentual da população de estudo: conforto sonoro

10. Considerando o isolamento sonoro, você considera sua casa:
39 respostas



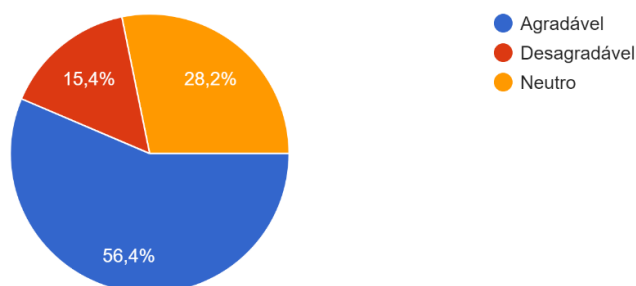
Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 04, o questionamento foi acerca do conforto acústico: 43,6% classificaram suas moradias como “agradável”; 35,9% como “barulhenta” e 20,5% como “silenciosa”. Portanto, em relação a tal quesito, é possível observar que um pouco mais de um terço dos entrevistados convive com desajustes no isolamento acústico de suas residências.

Gráfico 5 - Representação percentual da população de estudo: ventilação natural

11. Em relação à ventilação natural (portas e janelas), como você considera?

39 respostas



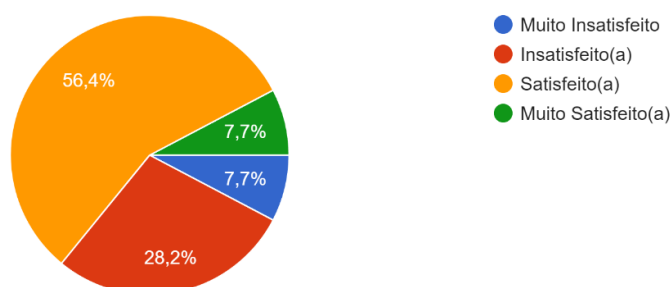
Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do Gráfico 05, destaca-se a ventilação natural, sendo possível observar que apenas 56,4% dos entrevistados consideram a ventilação atual de suas residências “agradável”, enquanto 43,6% opinaram entre “neutro” (28,2%) e “desagradável” (15,4%).

Gráfico 6 - Representação percentual da população de estudo: satisfação

12. Num contexto geral, o quão satisfeito está com sua atual residência?

39 respostas

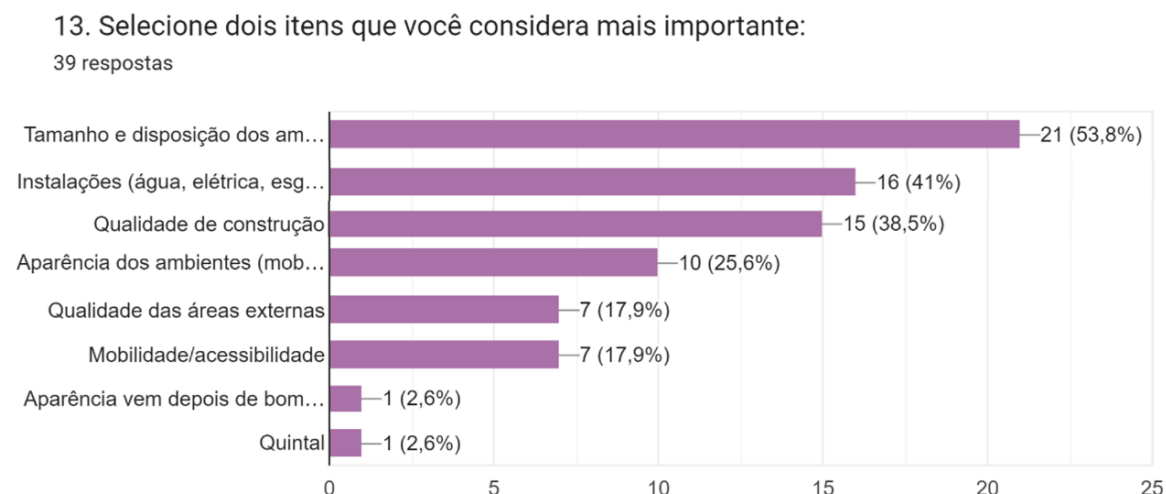


Fonte: Elaborado pela autora.

Os mesmos 56,4% do gráfico anterior (Gráfico 05) afirmam estar satisfeitos com a situação atual de suas residências, seguidos por 28,2% que afirmam estarem insatisfeitos. Em ambos os extremos, tanto “muito insatisfeito” quanto “muito satisfeito”, aparecem 7,7% dos entrevistados, totalizando 15,5%. Pode-se observar, portanto, uma correlação entre as métricas apresentadas em relação aos fatores de boa ventilação, os

percentuais de conforto lumínico e a satisfação dos entrevistados quanto à situação atual de suas residências. Além dessa correlação, é possível observar uma congruência entre os percentuais de neutralidade quanto à ventilação (Gráfico 05) e o percentual de insatisfação (Gráfico 07).

Gráfico 7 - Representação percentual da população de estudo: prioridade



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 07 elenca alguns componentes importantes para o bem-estar de uma residência, tanto internos quanto externos. Nele, os entrevistados puderam elencar os níveis de prioridade de cada fator contribuinte para a sua satisfação. O quesito tamanho e disposição dos ambientes internos se destacou, obtendo 53,8% das intenções dos entrevistados, seguido pelas instalações (saneamento básico e energia elétrica), que obteve 41%. A qualidade construtiva somou 38,5%, ao passo que a aparência dos ambientes (estética) ficou com 25,6% das intenções, enquanto qualidade das áreas externas e mobilidade ficaram empatadas (17,9% cada uma). Por fim, 2,6% dos entrevistados optaram por “aparência vem depois” e quintal.

A partir dessas constatações, é possível relacionar a influência de cada fator para a satisfação dos entrevistados, além disso destacar o quanto o fator estético é secundário para essa população, sendo a aparência externa de menor prioridade do que a estética interna. Nas respostas obtidas, mais da metade dos entrevistados prezou pelas dimensões e pelo abastecimento da residência como fatores de influência para sua melhor qualidade

de vida.

A última parte do questionário aplicado aos entrevistados se refere aos estudos de caso “Casa Vila Matilde” (Gráfico 08) e “Casa no Pomar do Cafezal” (Gráfico 09), projetos premiados de arquitetura de baixo custo, aqui utilizados como exemplos. Por fim, o Gráfico 10 apresenta a opinião dos entrevistados sobre projetos com a mesma vertente e formato.

Gráfico 8 - Representação percentual da população de estudo: opinião sobre o projeto Casa Vila Matilde

15. Casa Vila Matilde - Projeto do escritório Terra e Tuma Arquitetos, a residência foi construída com o orçamento apertado de 150 mil reais e ganhou uma das categorias do prêmio internacional Building of the Year 2016. Após a etapa de demolição a obra pode ser concluída em 4 meses. A casa está implantada num lote com 4,8 metros de largura por 25m de profundidade, totalizando uma área de 95m² de área construída.

Qual sua opinião sobre esse projeto?

39 respostas



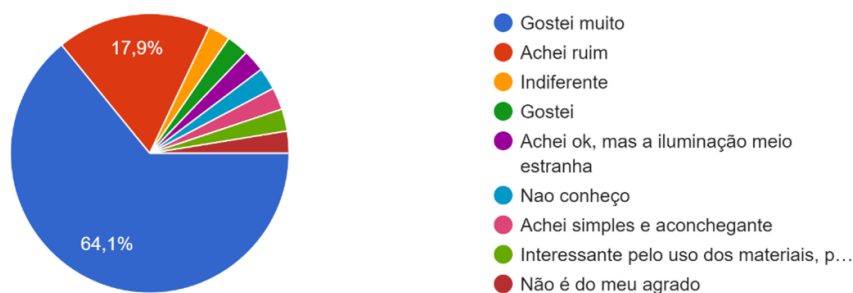
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 9 - Representação percentual da população de estudo: opinião sobre o projeto Casa no Pomar do Cafezal

16. Casa no Pomar do Cafezal - Projeto localizado na favela do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, faturou o prêmio de Casa do Ano 2023 no concurso internacional do ArchDaily, um dos principais portais de arquitetura do mundo. Possui 66 m² de área, a casa foi construída pelo Coletivo LEVANTE, que tem o foco na elaboração de projetos em favelas e periferias.

Qual sua opinião sobre esse projeto?

39 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 08 (Casa Vila Matilde), 79,5% dos entrevistados afirmaram gostar muito da proposta. Na Figura 16, esse percentual cai para 64,1%; destacando-se, em segundo lugar, com 17,9% das opiniões, a opção “achei ruim”. Já no Gráfico 09, que diz respeito ao contexto, 82,1% dos entrevistados afirmaram que projetos com esse viés deveriam ser mais divulgados, e 12,8% não consideraram os projetos como alternativas promissoras para a realidade de baixa renda brasileira.

Gráfico 10 - Representação percentual da população de estudo: opinião geral

17. Estes últimos dois exemplos de casas envolvem baixo custo e respeitam a cultura do morador em toda a concepção do projeto. Por possuírem acompanhamento profissional, se evitou custos adicionais e eventuais riscos.

Você considera exemplos como este como uma inspiração e/ou esperança à população de baixa renda brasileira?

39 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

Na última etapa da pesquisa, os entrevistados puderam deixar seus comentários em texto, com mais detalhes e justificativas de seus posicionamentos. Nessa seção, foram deixados dois comentários que contextualizam os questionamentos feitos por perspectivas diferentes, porém com essências semelhantes. No primeiro, há o seguinte texto: “Não considero, pois é pouquíssimo divulgado esse tipo de projeto, o que recebemos é basicamente casas gigantes, com pé direito duplo/triplo, tudo branco e inox, e casa sem acabamento externo/interno acaba sendo malvisto, quase que virando sinônimo de favela”.

No segundo comentário, outro entrevistado afirma: “Entendo que a intenção dos arquitetos e engenheiros envolvidos nos projetos foi realmente muito boa, mas ainda falta adequar ao uso no dia a dia para uma família de verdade. Olhando as fotos expostas na pesquisa, elas passam a imagem de casas para inovarem conceitos de decoração e não de fato para serem usuais. Nenhuma família vive em uma casa sem "reboque" porque é "conceitual", mas sim porque não tem recursos para essa etapa tão importante em uma construção. Mesmo no primeiro exemplo onde o orçamento foi "apertado" na faixa de 150 mil reais, esse valor está completamente fora do que a população em geral consegue pagar para ter uma casa. Necessitando de financiamentos e programas governamentais para adquirirem ou construírem uma casa”.

Ambas as colocações trazem em sua raiz o questionamento sobre a usabilidade

desses projetos e sua funcionalidade no dia a dia do usuário, o aspecto do acabamento e da classe social associada, suas relativizações e a elitização de materiais e acabamentos. Enquanto o primeiro comentário atrela tais aspectos a uma perspectiva simplista e de usuário, o segundo traz uma visão de aspectos mais técnicos do assunto.

5 DIAGNÓSTICO

Devido à supervalorização de materiais naturais e formas mais próximas à natureza recentemente promovida pela área de construção e interiores, criou-se uma situação de mercado em que a demanda foi elevada e atrelada a um mercado elitizado. O estereótipo do belo recém-estabelecido leva determinados materiais nunca antes caros na história do contexto construtivo e decorativo a valores exorbitantes, consequentemente, trazendo a sensação de inacessibilidade promovida, principalmente, pelas redes sociais.

Independentemente das críticas ao padrão construtivo e à morfologia urbana, é inegável a relevância da autoconstrução na formação do espaço urbano e das cidades. Considera-se imprescindível o reconhecimento da importância, dado que a autoconstrução foi o método, dentro das possibilidades, de as famílias terem acesso à moradia, mesmo que precária. Reconhecer sua complexidade e compreender seus aspectos significa aprofundar o conhecimento sobre a realidade brasileira.

Desconsiderando as questões visuais (rústicas e sem acabamentos) dos dois projetos estudados, a satisfação do morador em atender suas necessidades físicas, psicológicas e socioculturais foi nítida. Abordando o conceito de casa saudável, tais projetos demonstram:

- Desenho arquitetônico: projeto totalmente personalizado às necessidades do cliente e que incentiva a convivência com as áreas comuns no aproveitamento da área de cobertura;
- Iluminação: decorrente de grandes aberturas, posicionamento estratégico e materiais, há grande permeabilidade visual, juntamente com iluminação natural;
- Qualidade acústica: devido à ausência de revestimentos, a qualidade acústica pode ser prejudicada;
- Projeto hidráulico e projeto elétrico: por intermédio da assistência técnica, desde a fase de obras, há instalações em todos os cômodos sem precisar das famosas “adaptações técnicas”;

- Qualidade interna do ar: além das grandes aberturas, foram escolhidos materiais a fim de evitar futuros problemas de mofo e bactérias em locais úmidos. A utilização de plantas também é evidente no ambiente e ajuda na filtragem do ar;
- Paisagismo e áreas comuns: há aproveitamento dos espaços, com áreas de convivência abertas, além da presença de plantas em vasos.

Como afirmam os arquitetos do escritório Terra e Tuma Arquitetos Associados, quando se referem ao seu premiado projeto Casa Vila Matilde, o projeto foi “uma solução simples, resultado de um processo longo, complexo e gratificante”. Com isso, reforça-se que construir moradias salubres e saudáveis com baixo custo é um desafio a mais perante o mercado, uma iniciativa que demanda maior empenho projetual.

Por fim, um comentário relevante foi levantado entre os entrevistados: o estigma social referente ao “ambiente rústico” é relativo, a depender de sua situação social. Por exemplo, em uma casa denominada de alto padrão, uma parede de concreto aparente é “conceito”; em contraponto, numa casa popular, é vista como desleixo ou falta de investimento. Tal afirmação reforça ainda o estereótipo de que o arquiteto apenas segue o gosto das classes dominantes. Porém, em nenhum momento, foram negadas, nesses projetos, futuras reformas internas (revestimentos, mudança de mobiliário). Deve-se, portanto, entender a importância do quanto essa base estruturada é benéfica e dá um “ponto de partida” e autonomia para o morador.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados sobre a percepção acerca da participação dos profissionais da área, foi possível reafirmar o paradigma do luxo. A falta de entendimento da população sobre o que o arquiteto faz é cultural. O grande desafio é a aproximação desses profissionais a todas as camadas da sociedade e a participação e divulgação do poder público. A Lei 11.888, de 2008, possibilita às camadas menos privilegiadas da população o acesso gratuito aos serviços técnicos de engenharia e arquitetura e de regularização fundiária. Apesar da relevância, os inúmeros instrumentos urbanísticos do Estatuto da Cidade quanto à Lei não são efetivamente aplicados pelo poder público nas cidades brasileiras.

Considerando a percepção do usuário como o principal objetivo a ser alcançado,

é necessário provar que o espaço residencial é o responsável pela construção da saúde e pela consolidação do desenvolvimento pessoal. Sendo assim, conceitos de intenções físicas, concretas e subjetivas para a arquitetura, ou então de estética e harmonia, não serão suficientes para convencer a população. Apenas as referências visuais não são suficientes; torna-se necessária a abordagem e exemplificação das estratégias projetuais e seus benefícios à saúde e ao bem-estar.

Na prática, a orientação ou desenvolvimento de um projeto, seja ele de construção, reforma ou simples organização dos espaços, deve explicar os benefícios com base científica, mas também empática para o cliente. Grande parte da população valoriza o tamanho e a qualidade visual do ambiente, porém desconsidera que possíveis materiais e a organização do espaço (ou sua ausência) são causadores de diversas patologias e sua propagação.

Nos exemplos observados, é possível afirmar que uma construção bem estruturada auxilia, o mínimo necessário, o morador a começar a exercer sua dignidade com mais segurança. Com base na pesquisa realizada, mesmo que a aparência não seja agradável a todos, faz-se necessária uma abordagem sobre o conceito geral. Grande parte da população é adepta da autoconstrução e reforma, porém o entendimento que essas casas são uma base que dá liberdade para modificações futuras não foi abordado.

Assim, torna-se necessário informar a tal população o porquê de um projeto arquitetônico ter etapas preliminares: por exemplo, para evitar futuras patologias como infiltração, mofo, rachaduras etc. Deve-se deixar clara a importância da circulação de ar atrelada à iluminação natural para a saúde física e mental. Ainda que os projetos dos dois estudos de caso analisados não apresentem reboco interno ou externo, deve-se conscientizar sobre sua importância para inércia térmica das paredes. Em suma, a assessoria técnica em processos de construção ou requalificação de moradias tem o potencial de tornar esses espaços mais legítimos em relação às necessidades do morador e conscientizá-lo do quanto impactante a moradia é para a sua saúde.

REFERÊNCIAS

ABIKO, Alex Kenya. **Introdução à gestão habitacional**. São Paulo, EPUSP. Texto técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, TT/PCC/12.1995.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 41, Número 1
Janeiro - Abril / 2023

ISSN: 2176-6479

BONDUKI, Nabil. **Os pioneiros da habitação social**. Volume 1: Cem anos de política pública no Brasil. São Paulo: Unesp; Sesc, 2014.

COLETIVO LEVANTE. **Casa no Pomar do Cafezal**. ArchDaily Brasil, 2020. <<https://www.archdaily.com.br/br/978222/casa-no-pomar-do-cafezal-coletivo-levante>> ISSN 0719-8906>. Acesso em: 25 mar. 2023.

COHEN, Simone Cynamon; CYNAMON, Szachna Elias; KLIGERMAN, Débora Cynamon; ASSUMPÇÃO, Rafaela Facchetti. Habitação Saudável no Programa Saúde da Família (PSF): uma estratégia para as políticas públicas de saúde e ambiente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 3, p. 807-813, 2004.

COHEN, Simone Cynamon; CYNAMON, Szachna Elias; KLIGERMAN, Débora Cynamon. **Versão preliminar da proposta do estudo e desenvolvimento dos padrões regionais de habitabilidade no Brasil – 2003 – Rede Brasileira de Habitação Saudável**. Documento produzido pela Rede Brasileira de Habitação Saudável. Rio de Janeiro: ENSP, 2003.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. **Pesquisa CAU/BR Datafolha**. CAU/BR, Instituto Datafolha, 2015. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/pesquisa2022/>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

ENGELS, Friedrich. **Sobre a questão da moradia**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informação. **Déficit habitacional no Brasil**. Belo Horizonte, 2008.

FURMAN, Gail C. Postmodernism and community in schools: unraveling the paradox. **Educational Administration Quarterly**, v. 34, n. 3, p. 298-328, 1998.

KAPP, Silke; NOGUEIRA, Priscilla; BALTAZAR, Ana Paula. Arquiteto sempre tem conceito, esse é o problema. IV Projetar, 2009, São Paulo. Projeto como investigação: antologia. São Paulo: Alter Market, 2009.

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2015.

OSTERMAN, Karen F. Students' need for belonging in the school community. **Review of Educational Research**, v. 70, n. 3, p. 323-367, 2000.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TERRA E TUMA ARQUITETOS ASSOCIADOS. Casa Vila Matilde / Terra e Tuma Arquitetos Associados. **ArchDaily Brasil**, 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/776950/casa-vila-matilde-terra-e-tuma-arquitetos>>. Acesso em: 15 fev. 2023.